

A EVOLUÇÃO DAS RELAÇÕES DE TRABALHO

Nas sociedades tradicionais, as pessoas que não trabalhavam com a agricultura dominavam um ofício, como carpinteiro, por exemplo. O aprendizado deste ofício era longo e o trabalhador quando produzia um objeto participava de todo o processo de produção deste objeto, do início ao fim. Com o surgimento da sociedade moderna algumas transformações importantes aconteceram. Com o avanço do processo de produção industrial moderna, a maioria dos ofícios tradicionais desapareceu completamente. No contexto da produção industrial era necessária a produção em larga escala, ou seja, o objetivo era produzir em massa para um grande número de pessoas e, para isso, o processo de produção precisava mudar. O trabalho agora passa a ser dividido em ocupações e funções diferentes de modo que um trabalhador ao produzir um objeto se especializa em uma parte do processo de produção. A **divisão do trabalho** e a **produção em massa** são uma das principais características da organização do trabalho na sociedade moderna.

Quando estas transformações aconteceram, dois sociólogos muito importantes para a Sociologia chamados Durkheim e Marx tentavam compreender estas mudanças e se perguntavam: como a divisão do trabalho influencia as mudanças nas relações de trabalho? Como se dá a organização do trabalho na sociedade moderna capitalista?

Para Durkheim, o aumento da divisão do trabalho na sociedade moderna serviria para fortalecer a solidariedade: que passa de mecânica para orgânica. Para ele esta divisão do trabalho fazia com que os trabalhadores se tornassem mais dependentes um do outro já que não era mais possível trabalhar isolado no processo de produção e esta dependência teria o potencial de criar uma nova solidariedade: a solidariedade orgânica, que contribui para que a sociedade seja mais integrada, mais coesa. Marx apresenta um ponto de vista diferente do de Durkheim. Para ele a divisão do trabalho contribui para que os donos dos meios de produção, ou seja, os donos das fábricas e patrões possam produzir mais com menos custo e, logo, lucrar mais! De acordo com o ponto de vista de Marx, quando o trabalhador passa a ser assalariado e não participa mais de todo o processo de produção de um produto ele perde o controle do seu trabalho. Nesta situação, segundo Marx, o trabalhador se vê obrigado a fazer tarefas monótonas, repetitivas diminuindo sua criatividade. Desse modo, o trabalhador não realiza mais em seu próprio trabalho que passa a ser somente um meio de sobrevivência. O que é produzido a mais vai para as mãos dos donos dos meios de produção. Marx vai chamar esses processos de **alienação e mais-valia!** (lucro).

Outras formas de entender a evolução e a divisão do trabalho são: “A divisão biológica do trabalho (baseada nas atividades desempenhadas por homens ou mulheres, jovens e velhos, e a crítica ao surgimento dos preconceitos oriundos desta divisão); A divisão territorial do trabalho (baseada nas características locais e recursos naturais existentes que direcionavam as atividades que evoluíram, e a crítica às desigualdades regionais e subordinação econômica e de poder que surgiram entre regiões); A divisão social do trabalho (que caracterizam as sociedades modernas, quanto à dependência, baseadas em tecnologia,

processos produtivos, metodologias administrativas, habilidades e técnicas, classes, e as críticas sobre as diferenças e desigualdades sociais oriundas desta divisão” (Lago, 1996) - Esta ultima sendo a de maior interesse para a sociologia atual.

Ou ainda, segundo Huberman (in LAKATOS, 1999) apresenta um resumo das sucessivas fases da organização industrial a partir da idade média: Sistema familiar (princípio da idade média – subsistência, com alguma compra e venda, mas sem objetivo de mercado); Sistemas de corporações (maior parte da idade média – voltado para pequeno mercado, o trabalhador não vendia a força de trabalho, pois era senhor de todo o processo produtivo e do conhecimento, ensinando à aprendizes escolhidos por sua livre vontade, recebendo pagamento que lhe aprovesse); Sistema doméstico (entre séculos XVI e XVIII – semelhante ao sistema de corporações, mas com a perda de independência do mestre, que dependia de um intermediário para relacionar-se com um mercado em expansão); Sistema fabril (do século XIX aos nossos dias – o trabalhador perde totalmente a independência e os meios de produção, restando-lhe vender sua força de trabalho.)